

## **A INFÂNCIA COMO POSSIBILIDADE RADICAL DE APRENDER E SER COM E NO OUTRO**

La infancia como posibilidad radical para aprender con y en el otro

Childhood as radical possibility to learn and be with and in the other

**Fátima Lucília Vidal Rodrigues**

Universidade de Brasília, Brasil. Faculdade de Educação. Fono: +55 61 34437233

Correo electrónico: [vidalrodrigues@yahoo.com.br](mailto:vidalrodrigues@yahoo.com.br)

### **Resumo**

O objetivo desse trabalho é trazer elementos para pensarmos o sujeito que se forma para reconhecer e ratificar a condição inequívoca de toda criança: aprender sempre e ser na interação com o outro e a cultura. Vários elementos do ensino, extensão e pesquisa foram considerados para organizar a discussão teórica deste texto. Eles tem na educação e na infância a condição para viabilizar-se como processo de ensino-aprendizagem, que se promove nesse encontro prático mediado pela formação universitária. Os referidos espaços se constituíram no acompanhamento de alunos que: a) cursaram disciplinas de graduação que tratavam de temas referentes à educação inclusiva, às práticas pedagógicas inovadoras e aos estágios curriculares; b) participaram de projetos de extensão de ação contínua que têm suas práticas desenvolvidas nas escolas públicas, particulares e também associativas da Rede de Ensino do Distrito Federal e c) realizaram pesquisas de iniciação científica que trazem o acompanhamento de crianças pequenas com e sem deficiência na escola infantil. Considerando o contexto de encontro com a infância, a proposição é problematizar o objetivo a partir da dimensão política da formação docente, da alteridade, da alegria e da autonomia nos processos de aprendizagem, valorizando a educação infantil como espaço privilegiado de inclusão e reconhecimento do outro.

**Palavras-chave:** *infância, alteridade, alegria, formação docente.*

## **Resumen**

El objetivo de este trabajo es aportar elementos para pensar el sujeto que se forma para reconocer y ratificar la condición inequívoca de todos los niños: aprender siempre y ser en interacción con el otro y la cultura. Varios elementos de enseñanza, extensión e investigación se consideraron para organizar la discusión teórica de este texto. Ellos tienen a la educación y la infancia como condición para viabilizar el proceso de enseñanza y aprendizaje que promueve la praxis de este encuentro, mediado por la educación universitaria. Estos elementos se construyeron con los estudiantes que: a) asistieron a cursos de graduación que se ocupan de cuestiones relacionadas con la educación inclusiva, las prácticas de enseñanzas innovadoras y prácticas docentes incluidos en sus planes de estudios; b) participaron de proyectos de extensión de acción continua que desarrollan sus prácticas en escuelas públicas, privadas y también de asociaciones comunitarias de la Red de Educación del Distrito Federal y c) realizaron investigaciones de iniciación científica para efectuar el seguimiento de los niños pequeños con y sin discapacidad en el nivel de jardín de infantes. Teniendo en cuenta el contexto de encuentro con la infancia, la propuesta es problematizar el objetivo desde la dimensión política y pedagógica de la formación del profesorado, alteridad, alegría y autonomía en los procesos de aprendizaje, valorizando la educación infantil como un espacio privilegiado de inclusión y reconocimiento del otro.

**Palabras clave:** *infancia, alteridad, alegría, formación docente.*

## **Abstract**

The aim of this work is to bring elements to think the person who is formed to recognize and ratify the unequivocal condition of every child: always learn and be in interaction with the other and the culture. Many teaching subjects, extension and research were considered to organize the theoretical discussion within this text. It is through education and childhood that those subjects have the conditions to enable themselves as a teaching-learning process, which is developed in the praxic meeting mediated by the university education. These mentioned spaces were formed from the monitoring of students who: a) attended undergraduate courses that dealt with issues related to inclusive education, innovative teaching practices and to their traineeships; b) participated in extension projects, the type of continuous action, which had their

practices developed in public or private schools, as well as in institutions associated to the Education System of the Federal District of Brazil; c) accomplished research projects related to monitoring young children with and without disabilities at school. Considering the context of the meeting with childhood, the proposition is to problematize the goal from the political dimension of teacher docencia, of alterity, of joy and of autonomy in the learning process, enhancing childhood education as a privileged space of inclusion and recognition of the other .

**Keywords:** *childhood, alterity, joy, teacher training.*

## **1. Introdução**

La lucha por la vida es ante todo una  
lucha con la vida, y el hacerla es tener que deshacerla un tanto.  
María Zambrano

A infância é vida em potência. Vida feita e refeita no cotidiano do existir com o outro, logo, também o aprender é condição de vida, de ida ao fazer-se e desfazer-se como ser histórico, social e cultural. A infância ocupa espaço e tempos centrais de estudo e formação dos estudantes que cursam pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, no Brasil. O acompanhamento da infância, especialmente das crianças pequenas que integram a Educação Infantil, possibilita a experiência reflexiva e dá condições para compreendermos a radicalidade de uma propensão a aprender que pertence a todos. O objetivo desse trabalho é trazer elementos para pensarmos o sujeito que se forma para reconhecer e ratificar a condição inequívoca de toda criança: aprender sempre e ser na interação com o outro e a cultura.

Vários elementos do ensino, extensão e pesquisa foram considerados para organizarmos a discussão teórica deste texto, tendo a educação e a infância como condição para viabilizar o processo de ensino-aprendizagem que se promove nesse encontro prático, mediado pela formação universitária. Os referidos elementos se deram no acompanhamento de alunos que cursaram: a) disciplinas tutoradas por mim, ao longo dos últimos dez anos e que tratavam de temas referentes à educação inclusiva, às práticas pedagógicas inovadoras e aos estágios curriculares; b) projetos de extensão de ação contínua que têm suas práticas desenvolvidas nas escolas públicas, associativas e particulares da Rede de Ensino do Distrito Federal e c) pesquisas de iniciação científica que trazem o acompanhamento de crianças pequenas com e sem deficiência

*A infância como possibilidade radical de aprender e ser com e no outro*

na escola infantil. Considerando este contexto de encontro com a infância, a proposição é problematizar o objetivo a partir da dimensão política e pedagógica da formação docente, alteridade, alegria e autonomia nos processos de aprendizagem, valorizando a educação infantil como espaço privilegiado de inclusão e reconhecimento do outro.

## **2. A infância como experiência radical de aprender a reconhecer o outro**

As crianças pequenas têm a capacidade onírica de transitar entre o mundo real e o mundo dos sonhos. O “faz de conta” e sua entrada no simbólico nos possibilitam, como professores, acompanhar e perceber os processos de aproximação e afastamento do outro, dos quais derivam sua aprendizagem e desenvolvimento. Para os educadores que as acompanham na escola, essa experiência pode ser intensa, transformadora e reflexiva, como pode ser sem sentido, simplista e não deixar marca nenhuma. Nesse sentido, reforço o chamado de Calvo (2013:12) que afirma: “estamos en condiciones de diseñar una escuela que recupera su condición educadora y que no sea mera simuladora de la educación”. *Diseñar* é um neologismo criado pelo Movimento Campesino da Colômbia e significa guiar o desenho do seu próprio sonho, ou seja, a possibilidade de termos uma escola com educadores autônomos, que se alegrem aos desenhar seus sonhos. Educadores e escola que possam se maravilhar ante ao mistério (idem, 2013) e que ao *diseñarse* se fortaleçam e se ensimesmem no fazer pedagógico. “Las verdades que en vigilia obtenemos tienen este carácter de ser obtenidas, justamente; de que se nos revelan tras largo esfuerzo, tras de mucho haberlas perseguido. Mientras que las del sueño vienen a nuestro encuentro” (Zambrano, 1998:160). Deixemos o encontro vir a nós, assim como os sonhos e, nesse ponto de intersecção entre real e sonho, recriemos uma escola que viva a experiência da diferença e das alteridades das infâncias. *Diseñar* é um dos elementos que dá esperança e liberdade ao sujeito, uma das primeiras aproximações entre educador em formação e infância.

A aproximação da experiência com alteridade e autonomia é condição ética para não colonizarmos o outro (Larrosa, 1998), para vivermos a escola como espaço de educação livre e alegre. A educação infantil tem função de resistência e colabora com a construção de uma base à formação estudantil e docente, que se estenderá por anos, se pensarmos apenas na educação básica.

Aqui há a questão do tempo da experiência (Erfahrung) e da vivência (Erlebnis) em Benjamin (1997). Estar intensamente conectado com o outro da infância pode possibilitar um rompimento com o tempo vazio, linear e quantitativo, pois considerando que vivemos o declínio da experiência, a vivência, como afirma Benjamin (1985) é a própria modernidade. Há uma necessidade de recuperarmos esse tempo barroco, artesanal, onde a arte de contar, inventar, compartilhar dá sentido a experiência e ao tempo qualitativo. O brincar na infância e na adultez é condição de invenção da história de si e as diferentes versões criadas por nós ratificam a vida e isolam o depauperamento das histórias contadas. A reflexão da própria experiência, significada pelo outro, cotidianamente, modifica e cria condições de estarmos no mundo com o outro. A experiência do adulto não é toda acerca do mundo, por vezes, ela é perversa e constrange jovens e crianças “sem experiência”. A demanda atual por experiência acumulativa e rapidez não pertence ou não deveria pertencer ao mundo das crianças pequenas. A experiência, como salienta Larrosa (2002:19) é “um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar”. Pensando essas questões proponho que reflitamos na necessidade de uma formação com e na infância para os professores em formação acadêmica inicial. Disciplinas, práticas e teóricas, podem proporcionar a aproximação com a infância para qualificarmos nossa formação política e aprendizagem significativa.

Quando pensamos a formação política dos docentes, é inevitável associarmos à nossa militância interna à Universidade. Essa formação política é fundamental, mas há uma formação na qual os futuros professores e professoras irão construir a partir da experiência refletida, uma formação que se dá com as crianças, professores, colegas e comunidade. Essa formação necessita um espaço democraticamente construído para se constituir, por isso, podemos pensar nos diferentes espaços de educação infantil que proporcionam tal experiência formativa. A seguir descrevo ações e espaços de fazeres práticos que possibilitam a experiência radical de aprender com e no outro da infância.

De 2007 a 2016 venho acompanhando uma iniciativa associativa de educação infantil em Brasília. Os estudantes encontram as crianças dessa associação em diferentes modalidades de entrada na escola: estágios; observações vinculadas às disciplinas; participação nas atividades abertas à comunidade; observações a partir do

projeto de extensão Diálogos com experiências educacionais inovadoras-Autonomia e, mais recentemente, a partir do Semeadores de Investigação (Semillero), entre outras. Nessa escola, crianças de dois a seis anos aprendem e se desenvolvem juntas, em grupos divididos por faixa etária (2,3,4,5 e 6 anos) e acompanhadas por dois professores com formação bastante plural (pedagogia, psicologia, artes, fonoaudiologia, assistência social, música, antropologia, entre outros). Três pontos são importantes para os estudantes que a acompanham: observar atentamente os dispositivos democráticos que organizam a associação e a escola infantil, os movimentos de estudo individual, em duplas, no coletivo da equipe pedagógica, as trocas com os coordenadores e demais educadores e, fundamentalmente, observar como as crianças se movimentam pelo espaço, brincam com o outro, negociam seu querer, utilizam-se dos dispositivos que gestam as relações entre as crianças e as crianças e os adultos. Dispositivos que constituem seres autônomos e independentes. O fato de estar com a infância e voltar à universidade com essa vivência, dá-nos condições de significar a necessidade do movimento teoria-ação-teoria. Esse ir e vir aos autores proporciona uma reflexão acerca da alegria vivida com as crianças e capacidade para problematizar sua própria reflexão jovem/adulta.

De 2010 a 2016 outro espaço de estudo, formação e interlocução entre Universidade e escola vem se afirmando cada vez mais, silenciosa e consistentemente, como espaço inovador, novo e atual de diálogo e enculturação. A partir dele, estudantes acompanham professores com práticas docentes inovadoras e democráticas ao longo dos semestres e participam de três momentos importantes de discussão: Reuniões semanais com as professoras da UnB, colegas de vários cursos de graduação e profissionais da comunidade; participação em sala de aula com os professores vinculados ao projeto e participação no Fórum Autonomia, que se organiza como um espaço de auto-formação e coletivo de resistência às práticas conservadoras.

Em 2015 surge o Semeadores de Investigação (Semillero) Brasileiro. Grupo de trabalho comunitário, estudo, extensão, pesquisa e intercâmbio. Estudantes de pedagogia, comprometidos com a educação de crianças pequenas passam pela experiência de estudo e acompanhamento de ações comunitárias, assim como a promoção semestral de eventos de extensão e práticas de intercâmbio. Todos esse movimentos são registrados no hypomnemata, dispositivo inspirado nas crianças. Assim

como as crianças que escrevem, desenham, pintam na areia, muros, folhas e calçadas das escolas acompanhadas pelos estudantes de pedagogia, assim construímos nosso hypomnemata, para registrarmos e nos inscrevermos como sujeitos que enunciam e anunciam sua produção coletiva e autogestada. *“Tal é o objetivo dos hypomnematas, fazer da recordação do logos fragmentário e transmitido pelo ensino, a audição ou a leitura, um meio para o estabelecimento de uma relação de si consigo próprio tão adequada e completa quanto possível.”* (Foucault, 1992). Ele dá voz, dá a ver a cena que tem como protagonistas o grupo atravessado pelos interesses de serem outros na infância, na teoria e nas experiências de viagem, que por sua vez proporcionam novos encontros com a infância latino-americana e com novos espaços de formação teórica. Um narrativa que provoca o efeito de se ouvirem (Rodrigues, 2012). *“O traço de uma mão amiga, impressa nas páginas, proporciona o que há de mais doce na presença: reconhecer”* (Foucault, 1992:134). A diversidade e a amizade se instala como existência radical e a condição aristotélica que eleva amizade à categoria de virtude é princípio desse grupo que se fortalece no trabalho coletivo e de reconhecimento das singularidades de cada um.

A partir das idas às escolas infantis e no acompanhamento de ações comunitárias, muitas perguntas curiosas se transformaram em questões de pesquisa. A curiosidade infantil que vê, escuta, sente o outro, a natureza, os objetos e parte para uma suposição de respostas é considerada como processo inspirador para a construção de projetos de pesquisa. Isso se dá de forma particular com os estudantes acompanhados por nossos projetos na Universidade. Desde 2010 a pesquisa têm se articulado em torno de temas centralizados na infância, especialmente nas crianças com deficiência e nas práticas inovadoras na escola e fora dela. Destaco outro elemento importante para pensarmos o sujeito que se forma a partir da infância e para a infância: estar disponível para aprender com a singularidade da língua e da posição na linguagem de algumas crianças. Isso significa, como podemos concluir nas pesquisas que quanto mais tempo passarmos com o outro com deficiência (crianças cegas e autistas foram acompanhadas), maior será a desconstrução do conceito de deficiência e incapacidade. Conceitos construídos e sustentados historicamente.

A costura entre a formação docente e a infância se dá, portanto, no enlace entre o rigor da formação teórica e o ensimesmamento com a criança que apresenta aos

estudantes a radicalidade da imaginação, trabalho coletivo, autoria e solidariedade. O contato direto com projetos e escolas com crianças, ao longo de toda formação, acrescenta e enriquece um caminho docente que terá na criança sua centralidade.

A mediação universitária se dá no amarramento da circularidade entre o estudo teórico, a prática na escola e a intensidade do encontro com a infância. Neste trabalho, destaco a criança pequena como inscrição dentro-dentro, que provoca a transformação do professor em formação, tal qual a banda de Moebius que em sua circularidade poderia resolver outras tensões, como a dicotomia incluir/excluir. Para enlaçar esse amarramento os conceitos de alegria, alteridade e autonomia nos ajudam nesse primeiro momento.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. Essa frase é de Paulo Freire (1996:16) e significa exatamente a possibilidade que se apresenta ao homem concreto de deixar de ser coisa, de se humanizar.

Espinosa (2013) afirma que a tristeza não nos faz inteligentes, nela está nossa ruína. Para ele, a tristeza é o afeto que envolve a diminuição da potência de atuar e da força de existir de um corpo, e a alegria o que envolve seu aumento. Como podemos produzir alegria para potencializar o outro da educação? Spinoza (2013) diz que a tristeza é o laço profundo entre o déspota e o sacerdote, portanto, fugir da tristeza e promover alegria em nossos espaços de trabalho é fundamental. Obviamente, teremos muitos momentos de tristeza, mas o mais importante é não nos imobilizarmos e nos remetermos sempre ao que podemos e não apenas ao que somos.

[...] a mente pode padecer grandes mudanças, passando ora a uma perfeição, ora a uma menor, paixões essas que nos explicam os afetos da alegria e da tristeza. Assim, por alegria compreenderei, daqui por diante, uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior. Por tristeza, em troca, compreenderei uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor. Além disso, chamo o afeto da alegria, quando está referido simultaneamente à mente e ao corpo, de excitação ou contentamento; o da tristeza, em troca, chamo de dor ou melancolia. (Spinoza, 2013:107)

Da alegria intensa surge o conceito de multitudine, para além do somatório das individualidades. Em Spinoza é um terceiro, um outro corpo-sujeito que já não é mais um, nem outro, é todos. A potência de agir, a paixão, a alegria da infância e a disponibilidade subjetiva das crianças pequenas são capazes de nos impulsionar a sermos para além da tristeza e seu imobilismo, sermos um terceiro, uma espécie de multitudine docente. A potência nos transforma, forma-nos sujeitos, professores comprometidos ética e filosoficamente com a luta por uma sociedade melhor. Aprender com os processos de vida e alegria das crianças pequenas é nossa resistência a esse mundo que se perde na condutividade, egoísmo, competição, consumo, práticas facistas, intolerâncias e impossibilidades de estar com e no outro. Formar-se na infância significa ratificar linhas de criatividade, atualizadas por dispositivos inovadores e com novas formas discursivas e solidárias. Inovador como novo, atual. Lembrando que atual para Deleuze (1990) “não é o que somos, mas aquilo que vamos nos tornando, o que chegamos a ser, quer dizer, o outro, nossa diferente evolução”.

Alegria é base para todos os processos de autonomia do sujeito, potência de agir que nos impulsiona. Potência revisitada na infância de si e do outro. Reconhecer esse outro é reconhecer sua outridade, todas as diferentes alteridades e, assim, criar condições para estarmos junto.

### **3. Tessituras finais**

Nosso compromisso como professores formadores é estarmos atentos à propensão a aprender de cada futuro professor e, por conseguinte, a cada criança que ele encontrará nos espaços de aprendizagem. Aprender sempre e ser na interação com o outro e a cultura, é sinônimo da criança pequena em toda sua plenitude, portanto, cuidarmos para que estudantes em formação, que têm como objetivo o trabalho educativo e pedagógico com eles, se constituam subjetivamente a partir dessa infância é condição para uma docência transformadora. Os elementos dessa formação passam pela experiência e presença contínua com a infância, práticas pedagógicas em espaços escolares e não-escolares, participação em ações de extensão e projetos de pesquisa. No entanto, mais do que repetir o mesmo já dito, ratifico a singularidade da experiência radical de estar e sentir a infância em todas os espaços formativos.

Não podemos mais repetir em nossas práticas o modelo de escolarização dos últimos séculos. Considerando esse aspecto, salientamos a importância do reconhecimento de um trajeto sinuoso e fluído na formação com a infância, pois esse é o que produz fazeres criativos, corações solidários, mentes rigorosamente pensantes, comprometidas com o estudo teórico, e espíritos mais livres. É preciso escolher um caminho que “não tenha formas determinantes como no saber, nem regras coercitivas como no poder, mas regras facilitadoras, que produzam a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituam modos de existência ou estilos de vida”, como afirmava Deleuze (1990:158). Essa escolha será o berço da nossa caminhada. Educar não pode ser espaço de clausura súbita, rigidez, indiferença, impaciência, certeza, rotina, repetição, parcialidade, cartesianismo ou movimento coisificante, mas sim ter espaço à dúvida que produz processo criativo, contradição que possibilita suportar a incompletude do humano, plasticidade, compromisso, rigorosidade, paixão, circularidade, amor, humor e alegria (Calvo, 2013).

Nossas mãos são a guerra e são a paz (Alegre, 1995). Portanto, escolhamos mãos que teçam a paz, que construam modelos de resistência e não de resignação, culpa ou tristeza. Façamos de nossos espaços de trabalho, escolares ou não, espaços de transformação e mudança radical, de paz, felicidade, diferença e conhecimento. É na infância e em todo seu sentido que encontramos o ponto de mudança para uma sociedade que reconhece a entrega incondicional, a luta pelo justo, o brincar como condição de alegria e aprendizagem, o trabalho colaborativo e autogestado, o rigor da experiência criativa e reflexiva, compartilhamento com a natureza e o cuidado com a vida.

### **Referências bibliográficas**

- Alegre, M. (1995). O canto e as armas (1967) in *Manuel Alegre. Trinta anos de poesia*. Lisboa: D. Quixote.
- Benjamin, W. (1985). *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Benjamin, W. (1997). *Obras Escolhidas II. Rua de mão única*. São Paulo: Editora Brasiliense.

- Calvo, C. M. (2013). *Del mapa escolar al territorio educativo. Diseñando la escuela desde la educación*. La Serena: Editorial Universidad de La Serena.
- Deleuze, G. (1990) *¿Que és un dispositivo?* In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 155-161. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/> Acessado em 10/07/2016.
- Foucault, M. (1992). A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. p. 129-160.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Larrosa, J. B. (1998). *Pedagogia profana*. Porto Alegre: Contrabando.
- Larrosa, J. B. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan-abr, 19, 20-28.
- Rodrigues, F. L. V. (2012) . A experiência de acompanhar crianças com autismo na escola: o desafio de des-fiar a forma da formação de professores. *Ciências & Letras (FAPA. Impresso)* ,1, 69-80.
- Spinoza, B. (2013). *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica.
- Zambrano, M. (1998). *Los sueños y el tiempo*. Madrid: Siruela.